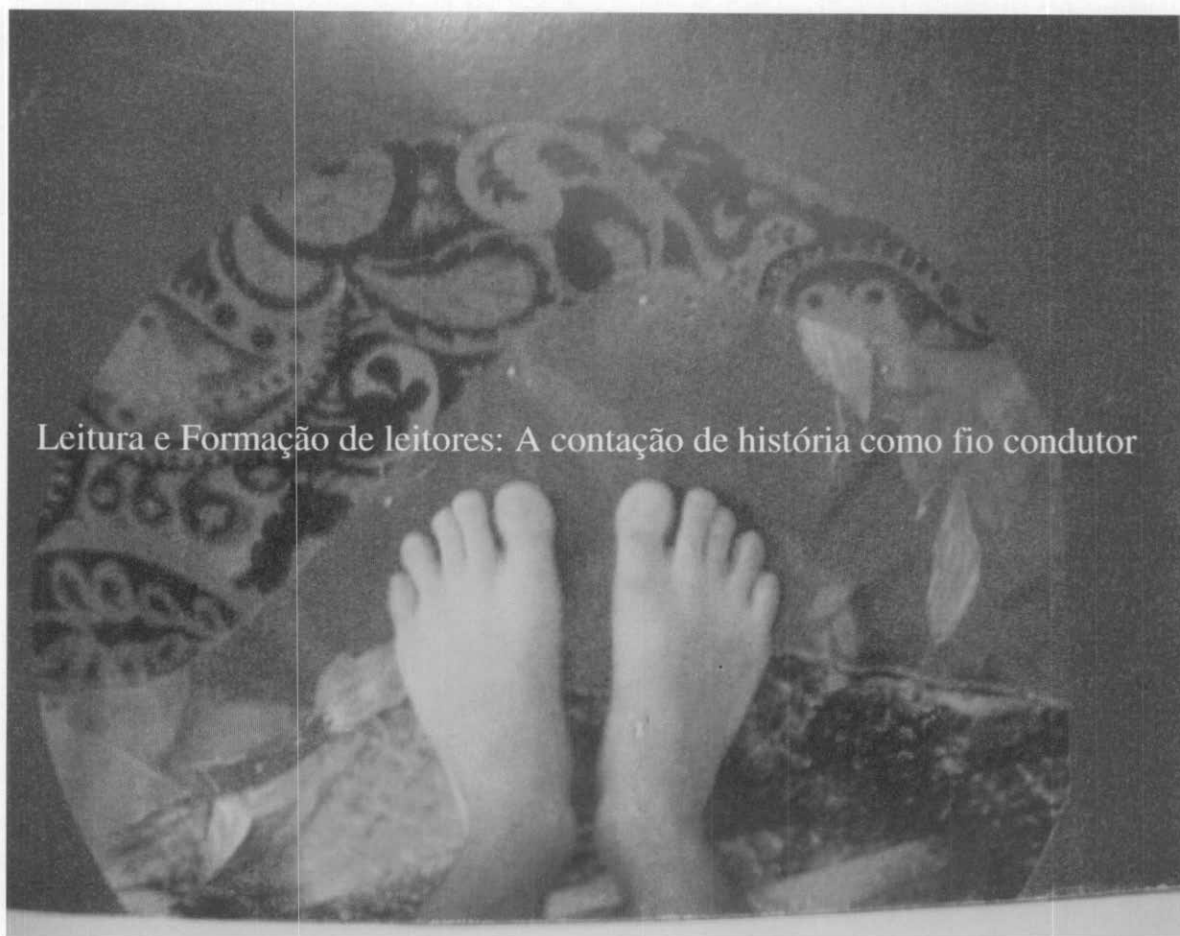


Bianca Erruas Fonseca



Rio de Janeiro
2008

Leitura e formação de leitores: A contação de história como fio condutor.

Bianca Erruas Fonseca

Monografia apresentada à Escola de Educação da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro para obtenção do grau de
licenciatura plena em Pedagogia.

Professora Orientadora: Carmen Sanches Sampaio

Rio de Janeiro

2008

Dedico essa monografia:

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a estudar e sempre torcem por mim.

Ao meu noivo, que sempre está ao meu lado, me apoiando e me incentivando.

À minha amiga Camila, que me ajudou muito na realização desse trabalho.

Gostaria de agradecer aos responsáveis por minha existência e por tudo que consegui conquistar em minha vida, meu pai Marcos Fonseca e minha Mãe Maria Margarida Fonseca.

À professora Carmen Sanches, por ter dedicado parte do seu tempo para me auxiliar e orientar neste trabalho.

À minha amiga Camila por ter me oferecido dicas bibliográficas e pela paciência em sempre me ajudar.

Muito obrigada, a todos!

Sumário

Introdução.....	6
Literatura para crianças – Um incentivo à leitura?	9
A arte de contar histórias: a narrativa como fio condutor	15
Sobre o Grupo “Os Tapetes Contadores de Histórias”	23
1. Apresentação.....	23
2. Contações observadas	30
3. Entrevista	36
Considerações Finais.....	41
Referências Bibliográficas	44

Introdução

“A experiência de Contar e Ouvir histórias é singular e ao mesmo tempo plural, embora possa parecer contraditório, esse é mais um dos encantamentos que a palavra falada nos proporciona, a construção do indivíduo, enquanto se preserva o grupo... Enquanto ouvimos ou contamos histórias, fazemos História, incorporamos modelos e constituímos identidades. A gestualidade, a modulação da voz, os movimentos suaves e bruscos, os cheiros, a penumbra, constituem o contexto formador de memória e também possibilidades interpretativas que a palavra falada oferece, através do Contador, para seus ouvintes”

Luís Carlos dos Santos.

Contar e ouvir histórias: lembro-me que não vivenciei essas experiências; nunca tive um incentivo por parte dos meus pais para que eu praticasse a leitura ou mesmo que me contassem uma história. Meus pais sempre trabalharam fora e por isso passei boa parte da minha infância sob os cuidados de minha avó materna. Ela era alfabetizada, sempre me colocava para estudar, mas não tinha preocupação com a leitura.

Na escola em que estudei, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a literatura era tratada como mais uma matéria que deveria ser passada aos alunos de forma tradicional, sem preocupação em despertar o interesse dos mesmos pela leitura. Lembro-me que uma vez por semana éramos obrigados a ler em voz alta um texto do livro de Português trabalhado em aula para a coordenadora e, em seguida, éramos submetidos a uma série de perguntas relativas ao texto que precisavam ser respondidas oralmente. Era uma situação horrível, pois além da preocupação com a pontuação e a pronúncia correta, durante a leitura, a intenção da escola não era a de formar alunos críticos, leitores e escritores e sim alunos reprodutores que repetem o “ensinado” pelo professor.

Só comecei a me interessar pela leitura quando ingressei na Universidade. Hoje sei da importância e influência das leituras realizadas cotidianamente, pois, além de desenvolver a escrita, a leitura nos torna mais conscientes das coisas que nos rodeiam.

Uma grande influência para a escolha desse tema foi quando cursei a disciplina “Literatura na Educação Infantil”, com a professora Carmen Sanches, hoje minha

orientadora. Na época, foi sugerido durante a disciplina que assistíssemos a uma contação de história e que a partir de então desenvolvêssemos um texto reflexivo articulando com a teoria discutida em aula. Esse momento foi importante para mim, pois, pela primeira vez, assistia a uma contação.

O local escolhido para observar a Contação foi o Espaço Cultural da Caixa Econômica. Os contadores eram experientes e revelavam conhecer muito bem os livros escolhidos para a contação. O grupo que observei foi “Os Tapetes Contadores de Histórias”. Gostei muito do grupo e o pouco que vi nesse dia, pude perceber o comprometimento deles.

A contação de histórias é uma forma lúdica, interessante e prazerosa de conviver com a literatura. Sempre li e ouvi durante a Faculdade que a literatura é de exímia importância para a formação de cidadãos autônomos, criativos, leitores e escritores. Por tudo isso, por acreditar na importância da Literatura, que resolvi explorar e estudar mais o assunto.

Assim, pretendo mostrar um dos aspectos lúdicos da literatura infantil, que é a Contação de Histórias, tendo como referencial, o já citado, grupo: “Os Tapetes Contadores de Histórias”. O enfoque aqui buscado será para o papel do contador, destacando sua função social, articulada à importância da literatura infantil. Acredito que a Literatura pode ser incentivada fora do ambiente escolar, por isso a metodologia utilizada para a realização do presente trabalho foi um Estudo de Caso, que é um método específico de pesquisa de campo. O Estudo de Caso consiste em analisar detalhadamente uma ou mais organizações, ou até mesmo grupos dentro de uma organização, com a finalidade de prover uma análise do contexto e dos processos envolvidos no fenômeno em estudo.

Meus objetivos com esse trabalho são, portanto: valorizar a contação de histórias como possibilidade de trabalhar a literatura de forma prazerosa e lúdica; entender como a literatura é capaz de desenvolver a criatividade infantil, através da imaginação; investigar o trabalho de contadores de histórias fora do ambiente escolar e como se dá esse processo e identificar a maneira como o contador de histórias pode contribuir para o trabalho com a literatura infantil. No decorrer da Monografia serão discutidos assuntos como o que é literatura infantil, a importância do desenvolvimento da leitura na criança, as narrativas como mediadora desse processo, contação de

histórias e o que é preciso para ser contador. Em seguida falarei sobre a importância do contador de histórias fora do ambiente escolar e o papel que exerce na formação do leitor e escritor. Para saber mais sobre os contadores, realizei uma entrevista aberta com alguns integrantes do grupo “Os Tapetes Contadores de Histórias” com a qual serão tecidas relações teóricas.

Para o desenvolvimento deste trabalho optei pela Pesquisa Teórica articulada ao Trabalho de Campo, pois realizei contações fora do ambiente escolar, além de um Estudo de Caso. Para a sustentação das idéias aqui defendidas foram utilizados textos de Vigotski (1999), Cecília Meirelles (1984), Ana Maria Machado (1996, 1999, 2002), Regina Zilberman (1986, 1998), Nelly Novaes Coelho (2000), Diléa Helena de Oliveira Pires (2002), Pedro Demo (2006), dentre outros.

Literatura para crianças – Um incentivo à leitura?

“É preciso desmanchar essa idéia do livro como objeto sagrado; é sagrado sim, mas deve estar nas mãos das pessoas, ser manipulado pelas crianças”

Magda Soares – CEALE/UFMG.

Antes de mais nada, cabe-nos a seguinte pergunta: será que existe uma literatura infantil? Se existe, como podemos caracterizá-la? Cecília Meirelles (1984) afirma que tudo é uma literatura só; são as crianças que definirão, de acordo com a sua preferência. É comum definir literatura infantil como aquilo que é escrito para crianças, no entanto, para a autora, o mais correto é classificar como literatura infantil o que elas lêem com utilidade e prazer.

Mais do que uma literatura infantil existem livros para crianças. Classificá-los dentro da Literatura Geral é tarefa extremamente árdua, pois muitos deles não possuem, na verdade, atributos literários, a não ser os de simplesmente estarem escritos. (Ibid, p. 20)

O termo Literatura Infantil é um termo inventado pelo adulto, referindo-se à literatura que transmite os pontos de vista que aquele considera mais úteis à formação de seus leitores, através da linguagem julgada mais adequada para compreensão e gosto do seu público (Ibid). Partindo disso, qualquer texto, escrito e elaborado de forma correta e singela pode transformar-se num livro infantil. É a criança quem define que livro mais lhe agrada e mais lhe toca, seja ele infantil, juvenil ou até mesmo um livro dedicado ao adulto.

Uma das complicações iniciais é saber-se o que há, de criança, no adulto e o que há de adulto, na criança, para poder aceitar o que os adultos lhe oferecem. Saber-se, também, se os adultos sempre têm razão, se às vezes, não estão servindo a preconceitos, mais que à moral; se não há uma rotina, até na Pedagogia; se a criança não é mais arguta, e sobretudo mais poética do que geralmente se imagina... (Ibid, p. 30).

Logo, ao invés de julgar e classificar o livro infantil como tal, o mais adequado seria submetê-lo ao uso da criança, pois é ela quem manifestará sua preferência e sua

satisfação ou não pelo livro, uma vez sendo ela, a pessoa que estará diretamente interessada pela leitura.

Cecília Meirelles (1984) afirma ainda, que a criança pode acabar se interessando por um livro que a princípio não foi escrito especialmente para ela. “Tudo é misterioso, nesse reino que o homem começa a desconhecer desde que o começa a abandonar” (Ibid, p. 30).

Ah!, tu, livro desprezioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e , sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal. (Ibid, p. 31)

A leitura está vinculada a aquisição de saberes sobre o que se passa ao redor do homem, o que a torna um ato social. Ler é produzir sentidos e significados, significados esses que têm a ver com cada um de nós, o que torna a experiência da leitura algo muito particular. De acordo com Paulo Freire (2005, p.11 *apud* DEMO, 2006 p. 45): “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Antes da existência da sociedade grafocêntrica, sempre houve gente que sabia ler a realidade de maneira questionadora. Demo (2006) afirma ainda que, de certa forma, a cultura começa quando o homem aprende a ler seus relacionamentos sociais, os gestos, os sonhos, as expectativas. Quanto mais cedo, portanto, histórias orais e escritas entrarem na vida da criança, maiores as chances de ela gostar de ler (textos escritos) e maior também será sua habilidade de leitura de mundo.

Segundo Smith (1999, p.11), a leitura significativa supõe que o leitor relacione o que lê com o que já leu, para que possa encontrar e gerar significado. Por isso, é fundamental que a aprendizagem da leitura parta das crianças e não de métodos previamente estabelecidos, muito menos de “receitas prontas”. Pedro Demo (2006, p. 30) afirma que, na dimensão individual, ler e escrever são dois processos distintos, porém interligados. Dessa forma, a aprendizagem de uma e outra também é distinta. (escrita é manual e leitura é oral/mental). Mesmo acontecendo a separação dessas habilidades (há quem saiba ler, porém não sabe escrever), o processo de aprendizagem é o mesmo.

Ainda na dimensão individual, o alfabetismo implica conjunto de habilidades e conhecimentos lingüísticos e psicossociais que supõe desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a de compreender textos escritos. (Ibid, p. 31)

O autor afirma, ainda, que o simples domínio dos códigos alfabéticos não é aprendizagem, embora seja o que mais facilmente ocorra nas primeiras séries do ensino fundamental. Como grande parte dos professores e escolas não se alertou ainda do desafio da aprendizagem, permanecendo em contexto de “instrucionismo lancinante” (Ibid), a preocupação em torno do letramento ou alfabetismo acaba encobrando o instrucionismo, mais do que acrescentando outro horizonte pretensamente inevitável de análise. Não faz sentido confundir aula com aprendizagem, do que segue que não faz sentido esperar de aulas reprodutivas algum efeito além da alfabetização reprodutiva. Aprender é dinâmica intrinsecamente formativa, implicando grande importância na vida dos alunos, dentro e principalmente fora da escola (Ibid, p. 41).

Quando se restringe a leitura à livros e textos, excluimos milhares de pessoas analfabetas ou iletradas que “não encontram na escrita referência cotidiana” (Ibid, p. 53). Ampliar a noção de leitura envolve enormes transformações no modo de ver o mundo e a cultura, começando pelo fato de que mundo e cultura não são propriedades dos letrados.

Sendo assim, a responsabilidade do professor não é só de ensinar a criança a ler, mas sim de tornar a aprendizagem da leitura possível. Dessa forma, o papel fundamental do professor é ser o mediador, o motivador e o orientador nesse processo.

Aprender a ler significa aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acessos aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, idéias, situações reais ou imaginárias. Enquanto permanecermos isolados na cultura letrada, não poderemos encarar a leitura senão como instrumento de poder, dominação dos que sabem ler e escrever sobre os analfabetos ou iletrados. Essa realidade precisa ser alterada. Não que se proponha o menosprezo pela escrita – isso seria tolice -, ela, em última instância, nos oportuniza condições de maior abstração, de reflexão. Importa, antes, começarmos a ver a leitura

como instrumento libertador e possível de ser usufruído por todos, não apenas pelos letrados. (MARTINS, p. 34 apud DEMO, 2006, pg. 53-54).

Partindo do conceito anterior de leitura, pode-se afirmar que a criança lê do seu jeito muito antes da alfabetização, folheando um livro e olhando as figuras, ainda que não decodifique palavras e frases escritas. O processo de aprendizado começa com a percepção da existência de símbolos, imagens e de sinais gráficos. Segundo Magda Soares (2006), esse aprendizado chama-se letramento, que seria o uso social que se faz da leitura e da escrita, mesmo que ainda não se tenha pleno domínio do código escrito. Não basta que as crianças tenham acesso aos mais variados materiais; elas precisam ser envolvidas em práticas para aprender a usá-los, como em rodas de leitura, contação de histórias, leitura de livros, mostras literárias, brincadeiras com livros, etc, penetrando, assim, no mundo do letramento (Idem).

(...) Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do **letramento**, já é, de certa forma, **letrada**. (Ibid, p. 24, grifos da autora).

A literatura de um modo geral, tanto a infantil quanto a juvenil, perde sua qualidade quando há intenção de ser pedagógica, de dar lições de moral, conforme afirma a autora Anna Cláudia Ramos¹. Para ela, o valor da história está quando esta sensibiliza e permite que a criança e o adolescente mergulhem no mundo da fantasia:

O livro de qualidade nos permite entrar por diversas portas e janelas, possibilita várias leituras. Permite que você o leia aos sete, aos quinze e aos trinta anos de idade de um jeito diferente. E em cada momento da vida, você vai descobrindo o porquê de ter gostado tanto dele.

¹ Artigo retirado da Revista Nós da Escola, 2007, p. 27.

Segundo Luiz Antônio Aguiar², presidente da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEI-LIJ), quando as histórias têm pretensões explícitas acabam afastando a criança do livro. A criança leitora não é ingênua e sabe exatamente qual a intenção daquele texto. Ela acaba abrindo mão da leitura quando está diante de um livro com conteúdo didático. A existência de uma literatura destinada ao público infantil não o priva do acesso a outros tipos de literatura, assim como não impede que um adulto se encante com as histórias dedicadas a crianças, mas os enfoques é que variam conforme o público.

Um ponto indispensável para o incentivo da leitura com crianças é procurar perceber assuntos que mais as interessam, aproximar realmente o tipo de texto do cotidiano no qual estão inseridas, tornando, assim, a leitura algo prazeroso e principalmente divertido. A escola exerce grande influência na vida de uma criança, pois é nela que serão construídas as bases para a formação do indivíduo.

A Literatura Infantil torna-se, deste modo, imprescindível. Os professores dos primeiros anos da escola fundamental devem trabalhar diariamente com a Literatura, pois esta se constitui em material indispensável, que aflora a criatividade infantil e desperta as veias artísticas da criança. Nessa faixa etária, os livros devem ser oferecidos às crianças, através de uma espécie de caleidoscópio de sentimentos e emoções que favoreçam a proliferação do gosto da literatura, enquanto forma de lazer e diversão (PIRES, 2000).

A literatura ensina sem ter a pretensão de ensinar. Ela pode proporcionar encanto e alegria quando trabalhada de forma significativa pelo aluno, além de desenvolver a imaginação, a emoção, a expressão, os sentimentos e o movimento através de uma aprendizagem prazerosa.

A Literatura Infantil é antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, p.27).

² Artigo retirado da Revista Nós da Escola, 2007, p. 29.

O gosto pela leitura é basicamente conquistado na infância. Ver ilustrações, ouvir e contar histórias, reescrever histórias, redesenhar histórias deveria fazer parte de todas as fases da infância (MACHADO, 1999). É muito importante permitir à criança que ela sinta prazer no que está lendo, pois dessa forma a literatura é capaz de possibilitar que ela consiga redigir melhor seus textos, desenvolvendo sua criatividade, pois ler e escrever são atos intimamente ligados. Nesse sentido, literatura significa também arte.

Nas palavras de Ana Maria Machado:

(...) é ótimo que gostem de ler, mas é péssimo que aos outros seja negado o direito de saber se gostam ou não. No fundo é sempre uma forma muito esperta da elite se perpetuar no poder, consolidar sua dominação, preparar as futuras gerações que terão maior informação, maior desenvolvimento intelectual, maior preparo para enfrentar situações diversas, e, portanto, melhores condições de serem bem sucedidos na sociedade. (MACHADO, 1999).

Segundo Abramovich (1997), quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar, de forma mais precisa, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias tratam de problemas tipicamente infantis como medo, dor, carinho, inveja, insegurança, perdas, dentre outros.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (Ibid, p.17).

Partindo desse ponto de vista e empreendendo a leitura um trabalho de construção de significados por parte do leitor, é de extrema importância que a criança entre em contato com a literatura o mais cedo possível, uma vez que assim terá tendências a questionar, comentar, discutir sobre a história apresentada (de forma escrita ou oralmente). E é nesse processo de contato com a literatura que a contação de história pode exercer um papel fundamental.

A arte de contar histórias: a narrativa como fio condutor

“As narrativas destinadas ao público infantil não são histórias menores, em linguagem tatibitate, feitas para quem ainda não está preparado para apreciar literatura, como circula no senso comum. Elas fazem parte de um universo sem limites, onde qualquer criança pode viver situações mágicas, ser o que mais deseja e falar de qualquer coisa de maneira aberta e franca.”

Carolina Bessa – Revista Nós da Escola nº 46



Como já explicitado anteriormente neste trabalho, a literatura deve ser apresentada e incentivada às crianças, desde muito cedo, em casa, depois na escola e também em ambientes fora da escola, pois a criança que ouve e lê histórias desde cedo tende a ter um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário. A literatura explora várias formas de linguagens além da escrita, como as imagens, os símbolos, os desenhos, dando “asas à imaginação”. De forma leve, prazerosa e divertida, a contação de história pode despertar na criança o desenvolvimento de habilidades como a

percepção auditiva, a concentração, a capacidade de recontar, e acima de tudo, expandir o imaginário e alimentar a criatividade na hora de construir seus próprios textos.

As narrativas, cada uma em seu gênero, instigam nossa imaginação, provocam nossos desejos, nos colocam de frente para nós mesmos e para os outros. Cumprem importante papel em nossa vida, uma vez que nos são apresentadas num tempo determinado e têm começo, meio e fim, o que nos permite observá-las por inteiro, compreender as informações que trazem e analisá-las à luz de nossa própria experiência. (FILHO, 2003, p. 63)

A contação de história age como um dispositivo para a aprendizagem de forma afetiva e lúdica, contribuindo para a valorização do conhecimento transmitido pela oralidade. O contador de histórias (MEIRELLES, 1984) precisa ser criativo, ter uma boa memória, ter o dom de inventar e interpretar, além de saber impostar bem sua voz. Segundo Cecília Meirelles, em seu livro *Problemas da Literatura Infantil*, “não se pode deixar de sentir uma profunda admiração por esses narradores anônimos que com disciplina da sua memória e da sua palavra salvaram do esquecimento uma boa parte da educação da humanidade...” (Ibid).

Conforme Nancy Mellon (2006), na contação de histórias é necessário saber escolher o texto a ser contado, observando a faixa etária, o grupo social e o ambiente em que a história será contada. O grupo de contadores se adapta aos espectadores, mudando a maneira de contar de acordo com o perfil de quem escuta. Afirmo a autora que,

Seja contando histórias com os filhos ou com estranhos, um dos princípios úteis é adaptar sua linguagem e a imaginação ao estado de espírito de quem ouve. Uma pessoa ardente não se impressionará com um enredo lânguido. Da mesma forma, um grupo que vive com muita energia não se acalmará facilmente enquanto não tiver a atenção estimulada por alguns elementos do próprio estado de espírito... Um ouvinte alegre provavelmente prefere uma história lenta e ordenada. Um ouvinte triste provavelmente prefere pelo menos uma personagem que lute contra realidades opressivas. (Ibid, p. 242-243).

A partir de contos e histórias as crianças podem entrar em contato também com a escrita e a oralidade de seu povo. Para Ana Maria Machado (2002) é uma das oportunidades que a criança tem de se encontrar, de se entender, pela identificação de seus medos, seus anseios, sonhos e necessidades vivenciadas por aqueles personagens

de contos infantis. “(...) Daí seu imenso valor psicanalítico, já que por muito tempo eles constituíram a forma mais cômoda e acessível para que as crianças e as pessoas mais simples pudessem elaborar simbolicamente suas ansiedades, angústias e seus conflitos íntimos” (Ibid, p.79). Segundo Vigotski,

... o educador não deve substituir a linguagem infantil pela linguagem adulta, mas agir no sentido de que a linguagem da criança vá progressivamente evoluindo a partir do que esta tem de mais expressivo e artístico. (1987)

O contador de histórias possibilita a entrada nos caminhos do livro, convidando o ouvinte a seduzir-se pela leitura. As histórias contadas têm por objetivo através das dinâmicas, do lúdico e da própria vivência despertar o contador que existe em cada um de nós. Afinal, quem nunca contou uma história? Luiz Carlos dos Santos ³ descreve: “Ao contarmos histórias, passamos valores, reafirmamos crenças, metaforizamos personagens, hiperbolizamos costumes e, muitas vezes, confirmamos preconceitos...”.

A fantasia, a imaginação é parte essencial do desenvolvimento humano e deve permanecer conosco, ainda que, aos poucos, vá cedendo espaços cada vez maiores à realidade. Segundo Bartolomeu Campos de Queirós (2007)⁴, escritor, ganhador dos Prêmios Jabuti, Academia Brasileira de Letras, Nestlé de Literatura e Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, a fantasia está ligada à liberdade,

Ao fantasiar, experimento a liberdade. Não há preconceitos, limites ou paredes nesse ato fundador do humano, de buscar (em vão) decifrar o absoluto. Fantasiar é o exercício de indagar sobre o meu tamanho, para concluir sempre que minha inquietação diante da finitude não resiste horizontes. Há sempre um depois do depois. E só no trabalho criador encontro lugar para fazer da fantasia a matéria primordial do meu ofício. (QUEIRÓZ, 2007, pg. 33)

³ Material cedido em uma oficina de contação de história, ministrada pelo professor Francisco Gregório Filho, em Maio de 2008. O nome do texto era A palavra falada. O som e os sentidos humanos.

⁴ Artigo do autor, retirado da Revista Nós da Escola Nº 46/2007.

Sobre oralidade, Maria Lúcia Rocha⁵, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que:

A narrativa oral se apresenta como uma das melhores formas de se fazer com que as pessoas falem sobre suas vidas, porque permite ao pesquisador explorar não apenas fatos e atividades como também sentimentos, isto é, a experiência emocional de seus informantes. Ao falar, as pessoas constroem identidades, articulam suas experiências e refletem sobre o significado destas experiências para si. (ROCHA, A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero)

Todos nós, constantemente estamos narrando fatos de nossas vidas, contamos quem somos, o que gostamos, o que fazemos e incorporamos uma história à outra. O narrador pode contar a mesma história várias vezes, mas uma nunca será igual a outra. Ele poderá enfatizar num certo momento situações que anteriormente não foram enfatizados, poderá, a partir de um fato que ocorreu consigo mesmo, contar a mesma história, porém de forma diferentes.

As pessoas falam de pessoas e lugares, contam histórias. Na sua ontogênese está a criação da realidade. Ao longo da história da humanidade, a palavra ganhou e ganha novos sentidos e usos. Ela expressa o momento histórico do grupo social e embora seja essencial para a sociedade, ela é também representação de anseios, desejos, esperanças e preconceitos. (SANTOS, A palavra falada: o som e o sentimento humanos).

O ato de narrar histórias é algo muito antigo, que sempre esteve imerso no cotidiano da humanidade (MEIRELLES, 1984). É essa narrativa que fez e faz com que histórias de famílias, dos povos e das civilizações sobrevivessem e sobrevivam até os dias atuais. A narrativa permanece viva na memória dos ouvintes. Antes da escrita, todo o saber era transmitido oralmente. Daí a importância da memória nas sociedades tradicionais, pois a memória humana era o único recurso de que essas culturas orais dispunham para armazenar e transmitir o conhecimento às futuras gerações. Nessas sociedades, os mais velhos eram considerados os mais sábios, uma vez que tinham acumulado mais conhecimentos, advindos da experiência.

⁵ Material cedido em uma oficina de contação de história, ministrada pelo professor Francisco Gregório Filho, em Maio de 2008. O nome do texto é A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero

As conquistas da imprensa não inutilizaram por completo o ofício do narrador. Por toda parte ele se mantém, e a cada instante reaparece, por discreta que seja sua atuação. Antes de todos os livros, ele continua presente nas manifestações incansáveis da Literatura tradicional: na canção de berço que a mãe murmura para seu filho; nas histórias que mães, avós, criadas, aos pequenos ouvintes transmitem; nas falas dos jogos, nas parlendas, nas cantigas e adivinhas com que as próprias crianças se entretêm umas com as outras, muito antes da aprendizagem da leitura (Ibid, p. 49).

A narrativa é uma maneira de se preservar a comunicação entre os povos (Ibid). Narrar histórias é arte de aprender, conservar e voltar a contar aquilo que se ouviu. Dessa forma, podemos compreender o narrador como um sábio, como um mestre. Antigamente, os narradores de histórias eram os pais, os avós, pessoas mais velhas que reuniam as crianças ao seu redor. “Por isso, quando ainda não havia bibliotecas infantis, não era tão grande e sensível a sua falta; o convívio humano as substituía. Tempos em que a família, aconchegada, criava um ambiente favorável à formação da criança”. (Ibid, p.50).

Segundo Neide A. de Almeida⁶, socióloga e mestre em Linguística Aplicada pela PUC – SP, a literatura oral no Brasil tem em sua origem a presença africana vinda da Nigéria,

...onde os narradores populares, os “akpalôs”, faziam parte de uma casta especial, que se deslocava de tribo em tribo recitando os seus “alôs”. A Velha Totonha de José Lins do Rego, que se deslocava de engenho a engenho, narrando com riqueza mímica e procurando dar o tom local às suas narrativas, é a sua mais autêntica seguidora. (GUIMARÃES, 2000, p.86, *apud* ALMEIDA).

Ainda segundo a autora, outros exemplos dessa prática são os trabalhos realizados pelos irmãos Grimm, Perrault, Andersen, bastante conhecidos e, de uma forma bastante significativa, responsáveis pela forte presença dos contos europeus em nossa cultura.

⁶ Material cedido em uma oficina de contação de história, ministrada pelo professor Francisco Gregório Filho, em Maio de 2008. O nome do texto é Ler e Ouvir Histórias: Um exercício de pertencimento.

Esse fato revela um dos resultados da intensa articulação entre a escrita e o poder: os contos europeus de tradição oral tornaram-se, a partir do registro escrito, ponto de partida, ocuparam lugar de referência e deixaram à sombra as produções de outros povos, das outras matrizes constitutivas de nossa cultura. (ALMEIDA, Ler e Ouvir Histórias: Um exercício de pertencimento).

Ana Maria Machado (2002) também cita, em seu livro “Como e por que ler clássicos universais”, a importância desse trio (Grimm, Perrault e Andersen) na difusão dos contos populares. Segundo a autora, Andersen é muitas vezes chamado de “o pai da literatura infantil”.

É muito importante que o contador, ao narrar uma história, já tenha “intimidade” com a mesma, facilitando o entendimento dos ouvintes e tornando-a mais real e ao mesmo tempo fantasiosa. Esse é o fascínio de se contar uma história, essa mistura entre imaginação e realidade.

Dáí que quando se vai ler uma história – seja qual for - para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ao fazendo ponto final quando aquela idéia continuava, deslizante na página ao lado... Pior ainda, ficar escandalizado com uma determinada fala, ou gaguejar ruborizado porque não esperava encontrar um palavrão, uma palavra desconhecida, uma gíria nova, uma expressão que o adulto-leitor não usa normalmente... Aí não há como segurar a sensação de ridículo e mal-estar, e tudo degringola... (ABRAMOVICH, 2001, p.18-20)

Conforme vem sendo marcado no presente trabalho, a atividade de contar histórias está diretamente ligada ao incentivo à imaginação e à leitura, à ampliação do repertório cultural dos ouvintes e importante fonte de desenvolvimento subjetivo da criança. Segundo Vigotski, “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável, do pensamento realista” ((1932) 1992:128)

Narrar um fato ou uma história nos auxilia em vários momentos de nossas vidas, pois ela está ligada às experiências, aos outros e a nós mesmos. Sempre que contamos uma história, nós é oferecida a oportunidade de criar significados e interpretações do nosso “eu” e até mesmo do “outro”.

Todavia, como bem se sabe, não é somente através de uma contação de história que se conhecem as narrativas: essas podem se encontrar nas peças teatrais, no cinema, nos desenhos animados, nos gibis e nos CDs. Essas mídias e essas formas de expressão envolvem as crianças no descobrimento de um universo fantástico. O teatro, para atingir seu público, precisa não só do texto, mas de todo um cenário, do ator (corpo, voz e interpretação), da música, da luz e do figurino. Segundo Augusto Nazareth, em seu artigo “O que é qualidade em teatro infantil”⁷, “... O espetáculo teatral transmite idéias, emoções. São diversas narrativas que se unem para formar um todo final: o espetáculo”

Os gibis, segundo o mesmo autor, podem ser narrativas sedutoras para as crianças, pois possuem características que prendem a atenção do leitor e desenvolvem a capacidade de ler, como por exemplo, a combinação de diálogo, as legendas, as onomatopéias, as imagens e cenas em seqüência.

Partindo dessa idéia de variedades narrativas, para Nelly Novaes Coelho (2000, p.67-68), o narrador assume diferentes categorias dependendo da história que irá contar e do público ouvinte. Seguem as definições que a autora faz de cada tipo de narrador:

“1. Contador de histórias ou narrador primordial (de linhagem homérica ou mítica): aquele que se assume como testemunho ou mediador (e não, como inventor) de fatos ou acontecimentos realmente acontecidos, por ele próprio presenciados ou que lhe foram narrados por alguém que os teria vivido ou testemunhado, guardando-os na memória, e transmitindo a outros (É a voz que se faz ouvir nos mitos, lendas, crônicas medievais, livros de linhagem, contos de fadas, contos maravilhosos...)”

2. Narrador demiurgo ou onisciente (de linhagem romanesca) que se quer um “recriador” da realidade e senhor absoluto de seu mundo de ficção, que ele pretende transmitir ao leitor como verdade (e não, como invenção, assumindo-se como total conhecedor dos fatos e conflitos, do dentro e do fora das personagens e, inclusive, de seu presente, passado e futuro. (É a voz predominante no romance romântico, no realista ou na literatura tradicional em geral.)”

⁷ Artigo retirado da revista Nós da escola, Nº46/2007. Esse artigo está no livro O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?, organizado por Ieda de Oliveira.

3. Narrador confessional ou intimista: um eu-narrador que expõe as próprias experiências pessoais ou as de outros por ele testemunhadas. (É das vozes narradoras mais encontradas na literatura de ontem de hoje.)

4. Narrador dialógico (ou dialético): um eu-narrador que se dirige continuamente a um tu, a alguém que, entretanto, não se faz ouvir na superfície da narrativa, mas de certa forma a provoca. (Tipo narrador que se faz ouvir no universo rosiano de Grande Sertão: Veredas; e também no “novo romance” francês dos anos 50.)

5. A do narrador insciente (moderno e pós-moderno): um eu-narrador que ignora as razões que acontece com ele e à sua volta; que duvida e convive com incerteza ou certezas contraditórias que são, ao mesmo tempo, complementares (Tipo de narrador que tem raízes em Kafka e, contemporaneamente, multiplica-se sem cessar.)

6. A do Narrador in off. Ou em outras palavras: trata-se de uma narrativa na qual não se ouve a voz do narrador, mas apenas as vozes dos personagens que com ele interagem.” (NOVAES, 2000, p. 67-68).

Ainda segundo Nelly Novaes Coelho, a narrativa

resulta de uma voz que narra uma história a partir de um certo ângulo de visão (ou foco narrativo) e vai encadeando as seqüências (efabulação), cuja ação é vivida por personagens; está situada em determinado espaço; dura determinado tempo e se comunica através de determinada linguagem ou discurso, pretendendo ser lida ou ouvida por determinado leitor/ouvinte (2000, p. 92).

Com a finalidade de entender esse processo de incentivo a leitura, tendo a narrativa como fio condutor, falarei agora sobre o grupo de contadores que assisti, sobre as observações assistidas desse grupo, articulando com a teoria.

Sobre o Grupo “os Tapetes Contadores de Histórias”

“As crianças têm uma aproximação com os tecidos. Tem um lençol que elas preferem, uma almofadinha que não querem largar, uma textura que convida muito, ainda mais quando é uma textura que te conta uma história. E agente sabe que a partir desse material agente pode criar muitas outras coisas e com uma leitura que agente também se encanta. Porque aí o personagem principal é o Conto, o que você quer contar, porque às vezes você faz um grande cenário, mas a história é muito pobre. Então também ter o cuidado de que o que te encanta e o que te motiva para você arrumar o cenário e brincar com tuas mãos, com tuas palavras é Conto que você quer compartilhar”.

Rosana, “Os Tapetes Contadores de Histórias”



1. Apresentação⁸:

Contar Histórias utilizando tapetes ou painéis de tecido é uma manifestação popular recorrente em diversas culturas e em diferentes épocas da história da humanidade. Na França, a educadora Clotilde Hammam e seu filho Tarak Hammam, desenvolvem até hoje um projeto de contar histórias utilizando tapetes com a finalidade de estimular seus ouvintes à leitura.

⁸ Todas as informações abaixo estão disponíveis no site: www.Tapetescontadores.com.br



Em 1998, no Rio de Janeiro, um grupo de atores formados em Artes Cênicas pela UNIRIO, depois de participar e produzir várias atividades e oficinas com Tarak Hammam decidiram fundar o “Raconte-Tapis – Os Tapetes Contadores de Histórias”, em 2001. O grupo passou a realizar eventos e atividades em vários lugares do Brasil e do exterior.

No início, os materiais do grupo eram compostos por tapetes criados e confeccionados por Tarak Hammam e reproduziam cenários de Contos da Ásia, África e Europa. Já em 2001, dois integrantes desse grupo de Contadores, Warley Goulart e Carlos Eduardo Cinelli, começaram a confeccionar tapetes a partir de Contos de Carlos Drummond de Andrade, especialmente para a sessão “Retalhos de Drummond”, onde começou a idéia de criar tapetes a partir de Contos brasileiros. Após o contato com a realidade educacional e a cultura brasileira, o grupo mudou seu nome para “Os Tapetes Contadores de Histórias”.

Em 2004, o grupo já avançado na arte de confeccionar, começou a criar aventais, malas, caixas de pano e madeira, tapetes para contar histórias de Ana Maria Machado e Jutta Bauer. Nessa mesma época, uma integrante do grupo, Rosana

Reátegui, mudou-se para o Peru com a finalidade de estudar as possibilidades criativas da *arpillería* (técnica artesanal andina de costura à mão de painéis de tecido).



Com todos os avanços obtidos a partir de pesquisas desenvolvidas no Brasil e no Peru, em 2005, Carlos Eduardo Cinelli e Warley Goulart criaram um tapete de 12 metros para o espetáculo, “O Rei que ficou cego”. Em 2006, Warley Goulart e Eduardo Cinelli, convidados pela Editora Global (SP), criaram ilustrações de tecidos para o livro “O Congo vem aí” de Sérgio Caparelli.

“Os Tapetes Contadores de Histórias” atualmente é formado por Andréa Pinheiro, Carlos Eduardo Cinelli, Edison Mego, Helena Contente, Ilana Pogrebinschi, Rosana Reátegui e Warley Goulart, que se especializam na arte de contar de histórias, teatro, literatura e educação, tendo participado de oficinas, seminários, festivais, simpósios e encontros no Brasil e exterior.

Sob a coordenação de Warley Goulart e Carlos Eduardo Cinelli, o grupo cria e utiliza seus tapetes, aventais, malas, caixas e livros de pano como cenários de contos autorais e populares de origens diversas. Unindo narração de histórias, teatro e animação de formas, o grupo desenvolve uma linguagem própria, proporcionando novas qualidades de experimentação estética.

Nas palavras e mãos do contador, personagens feitos de tecidos vivem suas aventuras sobre um cenário cheio de cores, texturas e volume, que representam uma história infanto-juvenil... Através da atividade artística e dos objetos lúdicos utilizados, pretende-se despertar o imaginário e a sensibilidade da criança e do jovem para as artes e leitura, e estimular o seu potencial criativo. Para nós, contar histórias proporciona uma qualidade de contato entre as pessoas que permite um profundo e prazeroso intercâmbio de experiências: atua tanto na construção de valores como contribui para a formação de uma percepção crítica e sensível da vida, da arte e da sociedade. (Os Tapetes Contadores de Histórias).

O grupo tem um repertório de contos que vai desde a Ásia, África e América do Sul até escritores brasileiros como Ana Maria Machado e Carlos Drummond de Andrade, conforme já explicitado. O grupo conta atualmente com um acervo de 38 suportes plásticos como tapetes, malas, aventais, caixas e livros de pano, etc.

As sessões de Histórias do grupo são divididas em:

1 – **Cabe na Mala:** é um espetáculo em que aventais, caixas de pano e de madeira, malas, e tapetes contam histórias de Ana Maria Machado e Jutta Bauer. As histórias contadas nesse espetáculo são: *Cabe na Mala*⁹; *Mico Maneco*¹⁰; *Tatu Bobo*¹¹; *Avental que o vento leva*¹² e *João bobo*¹³ (Ana Maria Machado) e *A Rainha das Cores*¹⁴(Jutta Bauer).

⁹ MACHADO, Ana Maria. Cabe na mala?. São Paulo: Salamandra, 1988.

¹⁰ MACHADO, Ana Maria. Mico Maneco. São Paulo: Salamandra, 1988.

¹¹ MACHADO, Ana Maria. Tatu Bobo. São Paulo: Salamandra, 1941.

¹² MACHADO, Ana. Maria. Avental que o vento leva. São Paulo: Ática. 1994.

¹³ MACHADO, Ana Maria. João Bobo. São Paulo: FTD

¹⁴ BAUER, Jutta. A Rainha das Cores. Cosac & Naify, 2007.

2 – **Histórias de Outros Povos**¹⁵: é um espetáculo composto por contos populares oriundos de diversos lugares. África: *A história da galinha que subiu até o céu; O coelho, a baleia e o elefante*. América do Sul: *A nuvem triste; o bagrecito; A Ilhama e o condor; Contos tradicionais do mundo andino*. Ásia: *Loulya, a princesa do deserto; Um pequeno chacal muito astuto, brâmane bom demais e um tigre muito tolo; A pequena princesa Ratinete*. Europa: *Paullaute, o hipopótamo; O sapo pendurado; Três histórias de coelhos; Friska, a ovelha que era pequena demais; Você é meu papai?; Cinco patinhos; Sopa de rato; O lobo; Plouf; Jojo, a vaca; Nunca ta contente*.

3 – **Retalhos de Drummond**: Durante esse espetáculo, frases do poeta Carlos Drummond de Andrade, costuradas em tecidos, são fixadas no chão, formando uma bela poesia visual. São contadas histórias como: *O elefante*¹⁶; *Rick e a girafa*¹⁷; *A doida*¹⁸; *A incapacidade de ser verdadeiro*¹⁹; *Governar*.²⁰

4 – **O Rei que ficou cego**: é uma sessão composta por um tapete de 12 metros de altura, que vai do chão ao teto, contendo grandes peças de tecidos, bonecos de pano, objetos sonoros luzes e panos. Canções são cantadas à capela, cujas sonoridades se aproximam a cânticos tradicionais próprios de culturas orientais.

5 – **Bicho do Mato**: é um espetáculo composto por histórias de Ana Maria Machado e contos populares de Ricardo Azevedo. As histórias são: *A galinha que criava um ratinho*²¹; *O casamento da onça com a filha da cutia*²²; *O cachorro, o burro, o porco, a galinha e o bode*²³; *A tartaruga e a fruta amarela*²⁴.

¹⁵ Essas histórias estão disponíveis no site do grupo “Os Tapetes Contadores de Histórias” (www.tapetescontadores.com.br), porém não tem a referência dos livros.

¹⁶ DRUMMOND, Carlos. O elefante. Rio de Janeiro, Record, 1983.

¹⁷ DRUMMOND, Carlos. Rick e a Girafa. São Paulo: Ática, 2002.

¹⁸ Não foi encontrada a referência.

¹⁹ DRUMMOND, Carlos. A Incapacidade de ser verdadeiro. São Paulo: Ática, 2002.

²⁰ Não foi encontrada a referência.

²¹ MACHADO, Ana Maria. A galinha que criava um ratinho. São Paulo: Ática, 2000.

6 – **Palavras andantes**²⁵: Reuni fábulas e contos fantásticos da América do Sul e da África. Os contadores narram: *O espelho mágico; A agulha mágica; O pavão do abre-e-fecha; Como o sol passou a brilhar no mundo.*

7 – **O mundo de fora pertence ao mundo de dentro**: Os contos dessa sessão tratam do empenho de moças e homens para concretizarem seus sonhos e esboçarem um sentido pleno de viver. As histórias são: *A moça tecelã*²⁶; *A moça de Bambuluá*²⁷; *A terra é redonda.*²⁸

O grupo oferece uma oficina, com duração de 12 horas, divididas em quatro encontros, sendo voltada a profissionais de arte, literatura, educação e leitura, mas também para os interessados em conhecer e aprofundar os princípios e as possibilidades criativas da arte de contar histórias. Foi publicada uma reportagem na Revista “Nós da Escola” nº 46/2007, p. 29 onde se fala que a narrativa para crianças e adolescentes não passa somente pelo livro, mas encontra eco também na Contação de História.

A contação de história é outra forma de envolver os pequeninos. Hoje existem contadores que se apresentam em escolas e bibliotecas. O grupo Tapetes Contadores, por exemplo, usa tapetes, malas, aventais e caixas como cenário para contar as suas histórias. Ao fim, apresentam aos pequenos espectadores o livro de onde foi tirada a história. Eles já trabalharam com Cabe na Mala?e Avental que o vento leva, de Ana Maria Machado. O trabalho visa resgatar a tradição oral através da manifestação cultural recorrente em várias culturas, que é a arte de contar histórias com tapetes e painéis. (Revista Nós da Escola, nº46/2007)

²² Não foi encontrada a referência.

²³ Não foi encontrada a referência.

²⁴ AZEVEDO, Ricardo. A tartaruga e a fruta amarela. In: -----. Histórias que o povo conta. São Paulo: Ática, 2002.

²⁵ Essas histórias estão disponíveis no site do grupo “Os Tapetes Contadores de Histórias” (www.tapetescontadores.com.br), porém não tem a referência dos livros.

²⁶ COLASANTI, Marina. A moça tecelã. São Paulo: Global, 2004.

²⁷ AZEVEDO, Ricardo. A moça de Bambuluá. São Paulo: Scipione.

²⁸ Não foi encontrada a referência.





2. Contações observadas:



Encantei-me pela arte de contar histórias ao observar uma sessão de contação de história do grupo “Os Tapetes Contadores de Histórias” no espaço do Centro Cultural da Caixa Econômica localizado na Av. Almirante Barroso, 25 – Centro - Rio de Janeiro, na sala Margareth Nascimento – 2º andar.

O espaço possuía várias salas e, uma delas, uma sala bastante espaçosa, estavam livros, tapetes e outros suportes plásticos do acervo do grupo, tudo disponível para o manuseio dos visitantes, que podiam ler, contar, descobrir e inventar histórias.

Quando cheguei ao local, a escola que foi assistir à contação ainda não havia chegado. Fiquei na sala de leitura, onde pude observar os tapetes que seriam utilizados para a contação, os livros expostos e sentir o ambiente agradável do lugar. Para entrar nessa sala era preciso ficar descalço ou calçar um sapato de pano ou uma meia. Saindo dessa sala, no caminho para à sala da contação, “pezinhos” mostravam o caminho... Tudo era muito bem organizado, limpo e aconchegante.

Ezequiel Theodoro da Silva afirma que devemos ensinar a ler com uma didática que retenha o estatuto de lúdica e prazerosa:

A questão aqui é respeitar o caráter lúdico contido na produção da arte literária, não prejudicando a fantasia e imaginação do leitor quando interage com esse tipo de produção. Disponibilizar, dispor um conjunto diversificado de obras literárias dentro de um espaço onde não existam controles externos de resultados (exercícios gramaticais, por exemplo) e deixar com que os estudantes livremente escolham e leiam essas obras pode ser um caminho a ser testado. (SILVA, 2005, p. 30)

Logo em seguida, a escola (uma escola pública) chegou. O grupo era formado por 30 crianças com idade entre 8 a 10 anos. A primeira história contada por Warley Goulart foi “Loulyia, a princesa do deserto”. O tapete utilizado era muito bem elaborado, com personagens de pano. É interessante ressaltar que, antes de começar a história, o contador narrou uma situação vivida por ele bem parecida com a história que ia contar. Fantasia e realidade em diálogo constituíam o contexto da contação. Para Nancy Mellon,

Criar e narrar histórias é, antes de tudo, ajudar a guiar e a transformar a vida das pessoas. Porque de um simples conto pode brotar o estímulo necessário para desencadear uma mudança. Num mundo que privilegia o ter em

detrimto do ser, valorizar o poder das narrativas surgidas do imaginário popular é como construir uma ponte para o mundo criativo, de onde saem todos os sonhos para um dia, quem sabe, se retornarem realidade. (MELLON, 2006)

As crianças ficaram encantadas e atentas à história. O contador, interagindo com as crianças, através de perguntas, aguçava o interesse pela história, que a todos contagiou. Fiquei encantada com a arte de contar histórias e, como através da contação, as crianças mergulham no mundo da literatura prazerosamente.

Ezequiel Theodoro da Silva, em seu livro *Conferências sobre leitura* diz que está mais do que na hora de reativarmos o papel do contador de histórias enquanto incentivador da leitura. Ele afirma que as histórias têm que ser tecnicamente bem contadas, atendendo a critérios de envolvimento e expressividade de maneira que cativem ou ouvintes/leitores:

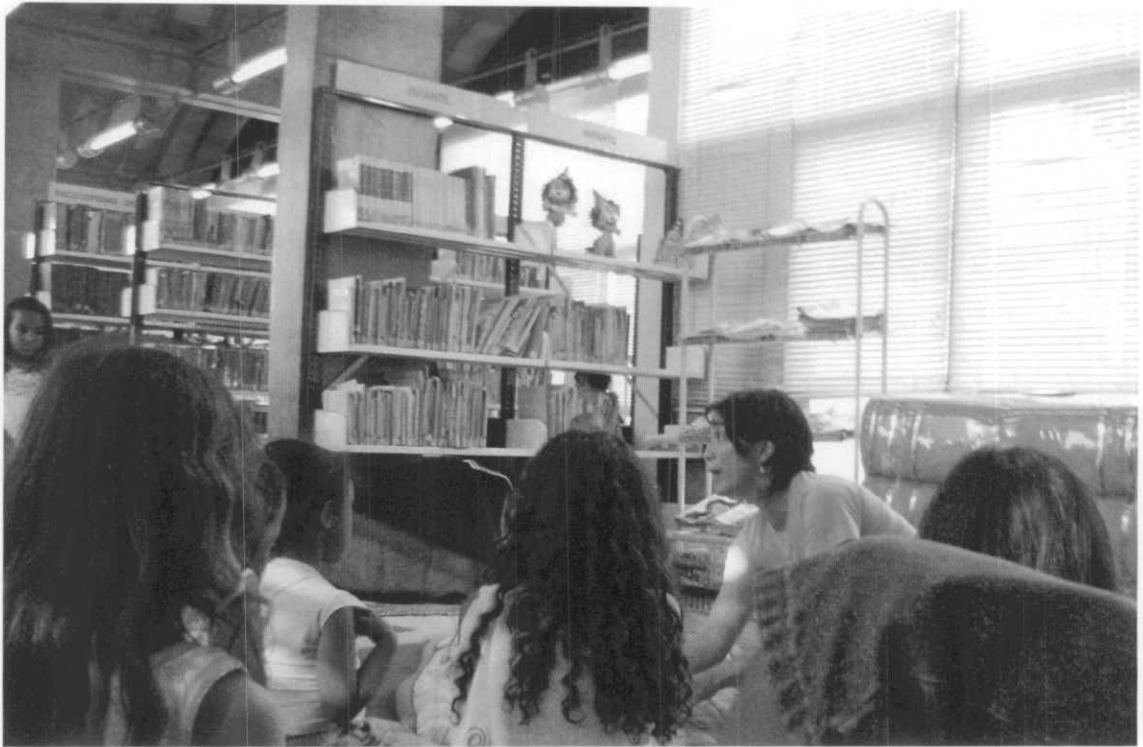
Tenho encontrado muitos professores que, infelizmente, não sabem ler em voz alta e perdem a capacidade de contar histórias de uma forma atraente, viva, cativante, sedutora. É importante que todas as cidades tenham seus grupos de contadores de modo que a tradição oral, o imaginário popular possa ser trazido ao presente para a sua leitura e continuidade junto às novas gerações. Cabe ainda lembrar que nem todas as narrativas foram escritas para serem lidas em voz alta; por isso mesmo, há que se fazer boas seleções de modo que as rodas de “contação” de histórias não se transformem numa coisa postiça, chata, em que o ouvinte não é capaz de se ligar ao enredo que vai sendo contado pelo contador (SILVA, 2005, p.34-35)

A segunda história que foi contada foi “A história da galinha que subiu até o céu” e foi contada por Carlos Eduardo Cinelli. É importante marcar que, quando acabou a primeira história, o contador logo emendou na outra, não houve intervalo. Mas isso foi feito de uma forma lógica, por exemplo, da seguinte maneira: “Um dia estava na casa de meu avô e ele estava dando milho para as galinhas e resolvi ajudá-lo. Quando perguntei à ele por que galinha não voava, ele então começou e me contar uma linda história...” A partir desse “gancho”, ele começou a contar a história da galinha que subiu até o céu. Essa maravilhosa história fala de uma galinha que para salvar seu pintinho, vai até o céu e por conta disso não voava mais, pois ficou muito cansada. As crianças nessa contação participaram bastante, riram muito e mais uma vez ficaram bastante atentas à história.

Por último, a contadora Andréa Pinheiro contou a história: “O coelho, a baleia e o elefante”. A narrativa relatava a história de um coelho que, sabendo que a baleia e o elefante queriam comandar o local onde moravam, resolveu impedir que isso acontecesse, e conseguiu. Uma parte dessa história era cantada, acompanhada de um batuque que imitava o som do tambor do coelho. O batuque era feito com as mãos, e as crianças, a pedido da contadora, batucavam para ajudá-la. Nessa história, as crianças participaram bem e prestaram bastante atenção. Havia os personagens de pano, assim como nas outras histórias, o que facilitava a visualização para crianças.

Assisti também a outra contação do grupo, agora na biblioteca do SESC de Madureira. Dessa vez já fui com a intenção de conversar com os integrantes, de fazer uma entrevista aberta com alguns contadores.





Elizabeth D'Angelo Serra (2002), em seu livro *Ler é Preciso*, diz que a biblioteca popular ou pública é um local que necessita estimular a criação de horas de trabalho em grupo, realizando verdadeiros seminários de leitura. Ela acredita que a biblioteca é um local informal de incentivo à leitura, tendo o imaginário como território sem fronteiras.

Nesse momento, o público não era de crianças vindas da escola e sim crianças que estavam no clube, em pleno sábado, tomando banho de piscina ou até mesmo brincando com os amigos. Na biblioteca onde ocorreu a contação havia crianças lendo alguns livros e desenhando. Próximo ao horário da contação, as crianças que estavam no clube foram chegando e se “aconchegando”. Foram orientadas a ficarem sentadas no chão próximas aos contadores e aos tapetes para que pudessem visualizá-los melhor.

À medida que as histórias iam sendo reveladas, foi perceptível como as crianças ficavam cada vez mais atentas para saber o que aconteceria em seguida, davam até sugestões de como a história seguiria. A contadora ia dando pistas, convidava as crianças a participarem da história o que foi tornando o ambiente mais descontraído, pois as crianças participavam da história o tempo todo.

As crianças se encantavam com a riqueza nos detalhes, eram os tapetes coloridos, eram o personagens feitos de pano, era a sutileza do contador ao narrar a história e era a riqueza da história que os prendiam e os fascinavam. Nesse dia foram contadas quatro histórias: *“Plouf”*, *“O espelho mágico”*, *“O pavão do abre-e-fecha”* e *“O bagrecito”*.





Ao fim da apresentação de Ilana Pogrebinschi e Rosana Reátegui, as contadoras do grupo, solicitei a elas que eu fizesse uma entrevista aberta, em que eu pudesse lhes perguntar coisas sobre o grupo e sobre contação.

3. Entrevista:

Entrevista por mim realizada com duas contadoras de história (Rosana Reátegui e Ilana Pogrebinschi) do grupo “Os Tapetes Contadores de Histórias”. Essa entrevista foi realizada no dia 26 de Abril de 2008 na Biblioteca do SESC de Madureira.

Minha intenção ao realizar essa entrevista era me aproximar um pouco mais do grupo, entendendo como foi seu início, além de entender o porquê de trabalhar contações de histórias com tapetes. Gostaria de ter conversado mais com o grupo, mas o tempo foi curto e não deu para perguntar, por exemplo, a opinião deles acerca da literatura. Tentei, dessa forma, me basear mais na formação do grupo e nas idéias deles sobre as histórias contadas.

As falas reproduzidas a seguir foram transcritas integralmente.

Bianca: Desde 1998 que vocês começaram a trabalhar como grupo Os Tapetes Contadores de Histórias?

Rosana: A gente já se conhecia na Universidade, na Unirio, a gente estudou Artes Cênicas. Tem pessoas que têm entrado e têm saído do grupo, mas desde o seu início estão o Warley, o Kadu, o Edson, outro Peruano (Rosana também é Peruana) e eu. E a gente foi se conhecendo e entrando em contato com o Tarak Hammam. Ele é um artesão e um contador de histórias francês, e ele foi convidado a fazer uma oficina de teatro na Unirio. E ele nos mostrou os tapetes que ele fazia e que ele confeccionou e há 20 anos ele faz esse trabalho lá na França. E foi a mãe dele que criou, fazendo o trabalho de promoção de leitura. A mãe do Tarak é uma vovozinha agora e costurou um tapete para o filho, o Tarak, que gostava muito de histórias, juntou retalho...E o Tarak, sendo também muito habilidoso com as mãos, entrou nesse trabalho junto com a mãe, então eles fundaram o “Raconte Tapís” lá. Quando o Tarak veio, a gente formou um grupo no início teatral, ele nos falou e nos apresentou esse material e a gente gostou muito. Então começamos também a trabalhar com esse material que no início só ele que fazia. Então ele nos mostrou alguns princípios que a gente até agora trabalha, como as crianças sentadas no chão, com uma sessão de histórias mais intimista, a manipulação... nos mostrou alguns princípios, né?!

Bianca: Então vocês se interessaram a partir da exposição que ele foi fazer lá na Unirio?

Rosana: É, ele primeiro fez teatro, ele primeiro foi fazer uma oficina de teatro e nos mostrou isso quando a gente já trabalhava com ele. Era um grupo de teatro e ele falou com a gente: “Eu faço isso na França” e ele nos mostrou. A gente gostou muito e a gente ficou trabalhando junto com ele três anos, trabalhando junto com o material dele, que eram tapetes de diversos tamanhos, os tapetes mais antigos que a gente tem. Ele se baseia muito nas ilustrações dos livros. A gente trabalhou com ele por três anos e depois a gente quis fazer contos mais próximos da gente. E aí, Kadu e Warley, a convite da Prefeitura, fizeram um primeiro material que é “A Nuvem que ficou triste”, que é um

conto brasileiro, de Minas Gerais. Foi o Warley que confeccionou, foi sua primeira confecção. Depois veio Drummond, “Os Retalhos de Drummond”, que é muito bonito, é um projeto sobre Drummond, celebrar as datas, tipo a morte de Drummond e tal. Kadu e Warley fizeram vários tapetes a partir dos contos pequenos de Drummond. Depois já veio o “Cabe na Mala”, também continua o Kadu e o Warley, que foram os que criaram, os que fazem os cenários e sempre inventaram; não tem uma técnica para fazer o material. Na verdade é na pura criação, imaginação. É pensar, pensar naquilo que você vai manipular para contar. Então tem diversos suportes que você pode ver na trajetória. A gente começou com tapetes, que são de diferentes tamanhos, retalhos que tem na espuma, mas depois, em “Retalhos de Drummond” ainda continua sendo os tapetes com as perspectivas. A gente sempre dialogando onde que vai estar o público, o que coloco aqui, ali, uma construção mesmo. Mas já em “Cabe na Mala” a gente viajou com um outro suporte. Uma mala mesmo. Para contar as histórias, os personagens saíam da mala. Depois tem uma caixa que é “A Rainha das Cores”. Tem uma foto que ta no Site, ta no escuro que a gente utiliza lâmpadas dentro, agente faz um black-out. É para trabalhar com as texturas e iluminação dos tecidos. Já é outra viagem, aproveitando bem a luz e a cor dos tecidos para contar essa história que a gente gosta muito que é “A Rainha das Cores”, um conto alemão. Tem também aventais. Esse avental é para contar histórias de Ana Maria Machado, “Avental que o vento leva” e foi o Kadu que fez quase todo o avental mesmo e a gente vai contando. No “O Rei que ficou cego”, já se pensa em algo mais teatral mesmo, onde a gente fica em cima do tapete. Ficam três atores. Teve um evento em que fizemos todos juntos, mas para viagem (turnê) fazem só três. E é um material pesado. Esse tapete, esse cenário tem mais de doze metros, tem muito velcro, muita coisa, muita canção, é bem cantado, mais teatral mesmo, mas sempre a partir da narração de histórias e tudo mais. Apesar de a gente não trabalhar com o Tarak, ele nos doou muitos tapetes.

Bianca: Vocês são os únicos que utilizam tapetes?

Rosana: Não. Tem uma pessoa que trabalhou no grupo que tem um grupo que se chama “Costurando Histórias” e ela trabalha também com tapetes e com música, violão. Ela também faz os tapetes dela.

Bianca: Mas ela surgiu a partir de vocês?

Rosana: É, em contato com o Tarak. Na verdade, isso do tapete, que eu saiba, desse estilo, porque contar histórias com texturas, ao menos no meu País (Peru), tem muito e com suportes diferentes, mas aqui, desse jeito, a gente aprendeu com o Tarak mesmo e tem outras pessoas que também tem feito, uma professora, é a partir de oficinas só com a gente ou com o Tarak, que quiseram também fazer seus suportes de costurar e contar histórias com tapetes. Então Tarak vinha e dava oficina, a gente também foi dando oficinas. Então muitas pessoas independentes fazem uns trabalhos individuais, a gente tá sabendo que tem algumas pessoas que fazem.

Ilana: E depois, no “Bichos do Mato”, normalmente é o Kadu e o Warley que costuravam os tapetes. E aí nesse novo trabalho, a maioria das pessoas criou um material. O Pavão eu fiz. Aí tem a Cutia que foi feita pelo Edson. Cada um fez uma história. E aí é legal fazer para depois poder manusear depois, é divertido!

Bianca: Todos vocês são formados em teatro na Unirio?

Ilana: É. Eu não cheguei a me formar, mas o grupo todo se formou. É que eu encontrei o grupo depois, tem dois anos só.

Bianca: Por que contação de histórias? O que levou o grupo a estar trabalhando com Contação de Histórias?

Ilana: É, o que eu sei é que o Tarak tinha um grupo de teatro e trabalhava com eles com teatro e um dia ele abriu os tapetes e contou a história da mãe dele. E aí o grupo começou a trabalhar com isso também e aí a ter essas duas vertentes, o teatro e a contação de história. E aí rolou uma paixão pela contação de histórias com os tapetes.

Bianca: Por que utilizar tapetes?

Rosana: As crianças têm uma aproximação com os tecidos. Tem um lençol que elas preferem, uma almofadinha que não querem largar, uma textura que convida muito, ainda mais quando é uma textura que te conta uma história. E a gente sabe que a partir desse material a gente pode criar muitas outras coisas e com uma leitura que a gente também se encanta. Porque aí o personagem principal é o Conto, o que você quer contar, porque às vezes você faz um grande cenário, mas a história é muito pobre. Então também ter o cuidado de que o que te encanta e o que te motiva para você arrumar o cenário e brincar com tuas mãos, com tuas palavras é o conto que você quer compartilhar.

Bianca: E a seleção de histórias, vocês fazem como?

Rosana: “Cabe na Mala” foi porque o Kadu gostou muito da “Rainha das Cores”. “O Rei que ficou cego”, o Warley gostou muito e compartilhou com a gente da história. E no “Bicho do Mato” a gente queria colocar uns personagens mais lúdicos, atrapalhados e tal

Bianca: Tem alguma história que as crianças gostam mais?

Rosana: Depende. Nós temos quase quarenta tapetes. Tem umas que funcionam mais e tal, mas depende mesmo. Temos tapetes para todas as idades. “Cabe na Mala” é uma sessão que eles gostam muito. É muito bonito.

A entrevista teve que ser encerrada devido à falta de tempo. Elas tinham compromisso e não poderiam se estender mais. Fiquei com algumas curiosidades, principalmente sobre a visão delas a respeito da literatura, da importância da contação como mediadora do incentivo à leitura.

Mas pelo que percebi na entrevista, nas contações assistidas, nas leituras realizadas por mim sobre o grupo, constatei a seriedade do grupo e seu comprometimento para a difusão dos mais diversos tipos de literatura. É um grupo que tem em sua essência a presença do teatro. Como já mencionado anteriormente nesse trabalho, o teatro precisa não só do texto, mas também do cenário, das vestimentas, do ator (que nesse caso é o contador), dentre outros suportes, para que ele transmita as emoções, as idéias, os objetivos daquele espetáculo. E nesse aspecto, sem dúvida, o grupo é competente.

A contação está intimamente ligada à troca de saberes, de idéias, de experiências, de literatura e ela não deve ser menosprezada ao ser passada para a criança, pelo contrário, literatura é literatura para qualquer idade e deve ser trabalhada de diversas formas, não só através de textos, mas de uma forma rica e prazerosa. Segundo Marina Colasanti (2005),

Por qualidade de literatura entendo exatamente a mesma coisa para qualquer idade: riqueza de forma e riqueza de conteúdo. Especificando: texto inventivo, não linear, conteúdo vertical; pluralidade de interpretações possíveis; vários níveis de leitura; densidade; aderência. (COLASANTI, apud OLIVEIRA, 2005, p. 180)

Considerações Finais

Com o desenvolvimento deste trabalho, por meio das observações de contações de histórias, da conversa com contadores e das leituras feitas, pude perceber que são inúmeras as possibilidades e alternativas que, como futuros educadores, temos para auxiliar as crianças a desenvolver o gosto pela leitura.

Nesse contexto, a leitura desperta em seu leitor, a curiosidade e o interesse pelas descobertas, tornando-o autônomo para solucionar problemas cotidianos de forma criativa e crítica. Para que se torne possível um bom desenvolvimento da leitura, da escrita e da fala, é necessário que seja oferecido a leitura de textos variados, ricos e de boa qualidade. Quando digo qualidade não me refiro apenas aos livros infantis, me refiro também às narrativas, aos poemas, aos contos, aos romances... Não podemos afirmar que gostamos só de contos de fadas se não nos submetemos a experiência de ler uma aventura, por exemplo.

A leitura não deve ser obrigada a ninguém. Deve partir do leitor a vontade de ler o que mais lhe interessa. Não é conveniente achar que a criança, por exemplo, não tem idade para ler isto ou aquilo, ou até mesmo que essa ou aquela leitura não é destinada ao público infantil, pois só a criança (leitor) é capaz de perceber isso.

A literatura além de aprendizagem é um divertimento. Quando lemos uma história, além de nos divertirmos e nos emocionarmos com os acontecimentos, estamos também aprendendo. Através do lúdico é possível fantasiar e ao mesmo tempo questionar, criticar.

Pretendeu-se mostrar ainda, a importância do contador enquanto multiplicador da literatura em sua forma mais antiga, que seria a oralidade. A relevância da contação de história no incentivo a práticas de leituras e logo no desenvolvimento da capacidade de questionar, de interpretar, de criar com a imaginação.

Esse tipo de narrativa seria um bom recurso a ser adotado no processo educativo brasileiro, propiciando o encontro entre o leitor e o livro de forma prazerosa. Essa monografia foi pensada a fim de entender e estudar o papel do contador de

histórias na formação de leitores e pude observar nas contações assistidas, o quanto esse tipo de narrativa, convida o indivíduo à leitura.

Falamos da importância das narrativas, da contação de histórias e de seus contadores. Vale ressaltar ainda que o homem não conta somente histórias para os outros, mas também para si mesmo, o que torna a contação de história um momento de encontro com o “eu” e com o “outro”.

As histórias devem ser incentivadas no ambiente escolar sim, mas também precisa ser incentivada fora da escola, pois é necessário a troca de experiências. Quando falo em espaço fora do ambiente escolar, não me refiro somente aos espaços culturais, mas também em rodas de leituras entre amigos, familiares, o convívio com os mais velhos.

“As muitas histórias ouvidas na infância passam a constituir pequenos acervos que, interagindo com nossas vivências, vão contribuindo significativamente para o exercício da crítica acerca das coisas que presenciamos, permitindo apurar nosso papel de cidadão. Não se trata de entender “a moral da história”, mas de perceber que o contar e o ouvir histórias podem ser fortes componentes para formar o sentido da responsabilidade social de cada um de nós”

Francisco Gregório Filho – contador de histórias.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2001.

BESSA, Carolina. **Sem limites para os sonhos**. Revista Nós da Escola. Rio de Janeiro, RJ. Ano 4. Nº 46, pg. 26, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil : teoria, análise, didática**. 1. Ed.-São Paulo : Modema, 2000

DALLA ZEN, Maria Isabel. **Histórias de Leitura na vida e na escola: uma abordagem Lingüística, Pedagógica e Social**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 1997.

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FILHO, Francisco Gregório. **Oralidade, afeto e cidadania**. In: Yunes, Eliana (org). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro. Editora PUC, 2002.

MACHADO, Ana Maria. Ilustrações Helena Alexandrino. **Avental que o vento leva**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Como e Por que Ler os Clássicos Universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____. **Contracorrente – conversas sobre política e leitura**. São Paulo: Ática, 1999.

MARCATO, Adriana. **O prazer da Leitura se ensina**. Revista Criança: do professor de Educação Infantil. Brasília, DF. 40, pg. 18-29, Setembro 2005.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1984.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**; tradução de Amanda Orlando e Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MOTA, Sonia Rodrigues. **A família e o leitor**. 2 ed. Rio de Janeiro: Proler, 1995.

OLIVEIRA, Ieda de (org). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? : com a palavra, o escritor**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2005.

PALO, Maria José. ; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil: voz de criança**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**; tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PIRES, Diléa Helena de Oliveira. **“Livro...Eterno Livro...”** In: Releitura. Belo Horizonte: Março de 2000.

SERRA, Elizabeth D’Angelo. **Ler é preciso**. São Paulo: Global, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica**. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SMITH, F. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. , 11. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VIGOTSKI, L.S. **O Desenvolvimento Psicológico na Infância**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. **Pensamento e Linguagem**. 1.ed. Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1987.

ZEN, Maria Isabel Dalla. **Histórias de Leitura na vida e na escola: uma abordagem lingüística, pedagógica e social**. Porto Alegre: Mediação, 1997.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Escola de Educação - EE
Departamento de Didática - DID

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Bianca Taruvas Fonseca

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO:

Leitura e Formação de leitores: A contação de história como fio condutor

ORIENTADOR(A): Carmen Sanches Sampaio

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Sandro Cristina Ferreira de Sousa

Nota: 8,0

Considerações:

A monografia de Bianca é marcada por sua experiência ao ter con-
tato com a arte de contar histórias, fato que a instiga a aprofundar
conhecimentos sobre literatura infantil, contação de histórias e
letramento e formação de leitores.

As imagens integradas ao corpo do texto monográfico ampliam
o trabalho, no sentido de criar aberturas entre a mensagem que se
pretende transmitir e as possibilidades de leituras, num conti-
to, mesmo que não declarado, ^{por} que o leitor da monografia com
partilhe de sua experiência. Há um número grande de citações que po-
deriam estar melhor articuladas no texto. Há um caráter informativo em
todo o trabalho, inclusive na entrevista. Os objetos apresentados na *

DATA: 15/07/08

Assinatura: [assinatura]

* introdução da monografia, o aluno desenvolveu mais a investiga-
ção sobre o trabalho dos contadores de histórias fora da escola e sobre
a articulação entre literatura e contação de histórias, não aprofundando
o objeto que pretende entender como a literatura é capaz de
desenvolver a criatividade infantil através da imaginação.

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Carmem Sanchez Sampaio

Nota: 7,0 (sete)

Considerações:

Bianca, a partir de uma situação vivida, na disciplina "Literatura e Educação Infantil", opta por desenvolver em sua monografia o tema da leitura e formação de leitores no espaço tempo da contação de histórias. Se empenha, na leitura desse tema, bastante novo para ela. Entrevista algumas participantes de um grupo de contação, mas explora pouco esse material. Seu texto merece uma dedicação maior no que se refere ao trabalho com as "dadas" da pesquisa e, também, na articulação prática teoria.

Data: 17/07/2008

Assinatura: Carmem Sanchez Sampaio

TERCEIRO AVALIADOR

Professor de Monografia II: Janaina S.S. Menezes

Nota : _____

Considerações:

O texto atende, em grande parte, as exigências para um trabalho acadêmico monográfico. No entanto, alguns aspectos pertinentes às normas de ABNT estão ausentes.

Data: 31/Julho/2008

Assinatura: Janaina S.S. Menezes

RESULTADO FINAL			
Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final
7,0	7,0	7,0	7,0



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação - EE
Departamento de Didática - DID

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Bianca Taruvas Fonseca

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO:

Leitura e Formação de leitores: A contação de história como fio condutor

ORIENTADOR(A): Carmen Sonches Sampaio

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Sandro Ristina Ferreira de Souza

Nota: 8,0

Considerações:

A monografia de Bianca é marcada por sua experiência ao ter con-
tato com arte de contar histórias, fato que a instiga a aprofundar
conhecimentos sobre literatura infantil, contação de histórias e
letramento e formação de leitores.

As imagens integradas ao corpo do texto monográfico ampliam
o trabalho, no sentido de criar aberturas entre a mensagem que se
pretende transmitir e as possibilidades de leituras, num convi-
te, mesmo que não delimitado, ^{para} que o leitor da monografia com-
partilhe de suas experiências. Há um número grande de citações que po-
deriam estar melhor articuladas no texto. Há um caráter informativo em
todo o trabalho, inclusive na entrevista. Das dissertações apresentadas na *

DATA: 15/07/08

Assinatura: Jaudelma

* introdução da monografia, a autora desenvolveu mais a investiga-
ção sobre o trabalho dos contadores de histórias fora da escola e sobre
a articulação entre literatura e contação de histórias, não aprofundando
o objetivo que pretendia entender como a literatura é capaz de
desenvolver a criatividade infantil através da imaginação.

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: _____

Nota: _____

Considerações:

Data: _____

Assinatura: _____

TERCEIRO AVALIADOR

Professor de Monografia II: Janaina S.S. Menezes _____

Nota : _____

Considerações:

Data: _____

Assinatura: _____

RESULTADO FINAL			
Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final